

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

BNDES: 50 anos de desenvolvimento (BND)

## Anos de proteção ao BNDES

História de [Geraldo Lopes Araújo](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 19/10/2018

---

Projeto BNDES: 50 anos de história  
Depoimento de Geraldo Lopes Araújo  
Entrevistado por Paula Ribeiro  
Rio de Janeiro, 11/04/2002 (gravado no BNDES)  
Realização: Museu da Pessoa  
Entrevista número: BND\_CB012  
Transcrito por Palena D. Alves de Lima  
Revisado por Natália Ártico Tozo

P/1 – Boa tarde, Geraldo! Eu gostaria de começar o depoimento pedindo que o senhor nos forneça o seu nome completo, o local e a data em que nasceu.

R – Meu nome é Geraldo Lopes de Araújo, sou de Campina Grande, nasci em 20 de novembro 1947, na Paraíba.

P/1 – E a sua mãe? Qual é a origem da sua mãe?

R – Minha mãe também é de Campina Grande, ela é Maria das Dores de Araújo.

P/1 – O que trouxe o senhor ao Rio de Janeiro?

R – Na época eu trabalhava lá em um cartório, do Senador Ivandro Cunha Lima, e o que me trouxe foi que eu namorava uma moça e ela veio para o Rio de Janeiro, e para não ficar lá eu vim junto, vim trabalhar no Rio de Janeiro. Então eu trouxe uma carta do Senador Ivandro Cunha Lima para um banqueiro aqui no Rio, o Doutor Nilton (Reique?), que \_\_\_\_\_ desde que eu estou aqui no BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social] também, ele era o dono do banco, industrial de Campina Grande. Eu trazendo essa carta fui trabalhar, trabalhei no banco catorze anos com ele. Trabalhei seis anos no banco, depois o banco foi vendido e ele me chamou para trabalhar mais com ele e eu fiquei mais oito anos.

P/1 – Em que ano o senhor chegou ao Rio de Janeiro?

R – Em 1966.

P/1 – Como que era o Rio nessa época?

R – O Rio era calmo, era bom, tranquilo, tinha muito emprego. Naquela época tinha muitos empregos, muito bom, tranquilo. Não era como hoje, a violência que é hoje, não era o desemprego que é hoje. A violência é por causa do desemprego que está aí. Naquele tempo não tinha muito disso não, era mais tranquilo, vivia melhor em 1966.

P/1 – Como é que se deu e quando o seu ingresso no BNDES?

R – O BNDES se deu o seguinte, naquela ocasião, em 1986, eu trabalhava na CCPL, na qual eu trabalhei seis anos. Então a CCPL estava fracassando, eu trabalhava aqui no Benfica e já estava começando o desemprego, já estava começando a terceirização. A pessoa que era antiga era mandada embora, então você ganhava mais ou menos, eu trabalhava no setor de produção, na usina, não era na burocrática não, na produção. Então já estava começando a existir o desemprego, cada vez que passava chegava um colega e dizia: “Tem tantos que foram mandados embora”, eu ficava assustado. Aí eu soube que essa pessoa que eu trabalhei lá na Paraíba, eu fui criado com ele, eu era menino e tive a felicidade de conhecer esse Senador Doutor Ivandro Cunha Lima, que veio ser diretor aqui do BNDES a mando do senhor José Sarney, que colocou ele aqui no BNDES. Eu sabendo que ele estava aqui, fui criado com ele desde menino, trabalhei para ele oito anos, desde os dez anos aos meus dezoito anos na Paraíba, eu vim procurá-lo. Conte para ele a situação da CCPL na época, que estava numa crise mandando as pessoas embora e ele disse: “Não peça para mandarem você embora não, mas se mandarem você embora, me procura que eu arrumo um emprego para você”. Aí, já que estavam mandando embora mesmo, eu pedi para me queimarem logo, vim procurá-lo e ele me empregou aqui como segurança do BNDES. Não podia me botar no banco, porque no banco só concursado, então tinha que ter uma função aqui que eu pudesse me enquadrar e me enquadraram como segurança.

P/1 – Qual foi a sua primeira função aqui no BNDES?

R – Segurança.

P/1 – De que setor ou de que andar, de que área?

R – A minha Central de Segurança é no primeiro subsolo e eu trabalho no primeiro subsolo ali na área bancária, onde tem os bancos. Eu fico cobrando crachá ali no... Porque tem três tipos de crachá, é meio complicado, você tem que ficar bastante atento porque tem um crachá que é para a tesouraria, outro tipo de crachá para os bancos, o Itaú, o Banco do Brasil e tal, esses crachás não podem passar para o setor de acesso ao BNDES. Para ter acesso ao BNDES tem que ser identificado pelas moças aqui no balcão, tem que ser avisado à pessoa que vai subir, tem que pegar o visitante, e com o crachá de área bancária não tem como passar para o BNDES, não pode ter acesso ao BNDES, e minha função é essa lá.

P/1 – E tem muita confusão por ali? Como que é?

R – Confusão em que sentido?

P/1 – Assim, de querer entrar sem crachá...

R – Ah, sim, tem diversos. As pessoas, às vezes, se acham no direito de ir ao banco e querer ter acesso ao BNDES. Ele pediu para ir ao banco, no crachá vem escrito “Área Bancária”, então eu converso direito com a pessoa, oriento ao mesmo que chegue até o térreo e se ele quiser ter acesso ao BNDES que ele devolva aquele crachá que é da área bancária e pegue um crachá de visitante, o qual dá direito ao cidadão ou à senhora a ter acesso ao BNDES. Mas muitos não entendem e nós temos que ter muito jogo de cintura.

P/1 – Precisa então de jogo de cintura para controlar a entrada aqui no BNDES?

R – Precisa, porque a gente tem que ter muita educação com o visitante, com o cliente. É do cliente que nós precisamos, não é? Se eu tenho o meu emprego é por causa do cliente, graças a Deus, então nós temos que tratar ele com muito carinho para que ele não saia daqui aborrecido, mas muitos não entendem e se aborrecem.

P/1 – Tem alguma situação que tenha te marcado mais, de algum desentendimento ou que você tenha sido chamado a atenção, ou foi preciso ser um pouco mais ríspido com alguém?

R – Ah, sim, em diversos casos, algum funcionário mesmo, que ele não entende, ele sabe que tem que usar o crachá, mas nós estamos ali através de uma administração para cobrar o crachá e eles se acham no direito por ser funcionário do banco e não querer ser identificado. Mas, quando nós cobramos nós estamos cobrando autorizados pela administração, que é para outras pessoas... Porque nós não conhecemos todos, por exemplo, ultimamente entraram vários novos funcionários, nós não conhecemos todos. Aqueles que nós conhecemos, nós já... Aqueles que não conhecemos, pedimos para botar o crachá e tal. Os que não conhecemos temos que cobrar, porque não sabemos quem é quem, nós não sabemos quem é para ter acesso ao BNDES, nós sabemos quem está no BNDES....

P/1 – Não importa a condição? Cargo mais alto ou mais baixo, tem que usar o crachá?

R – Sim, todos tem que usar o crachá, do mais alto ao contínuo. Agora, muitos se acham às vezes no direito de não querer usar, porque é o cargo, mas tudo bem...

P/1 – O senhor se lembra do primeiro dia que trabalhou aqui?

R – Me lembro.

P/1 – O senhor pode me contar?

R – No primeiro dia sempre a gente trabalha um pouco tenso; me botaram para trabalhar lá no PS1, que hoje é PS1 ainda, então ali você fica mais trabalhando com o colega, mais para aprender o serviço porque tem que pegar o sistema com o colega. Então, o primeiro dia é sempre um pouco nervoso.

P/1 – Bom, já são quase vinte anos de banco, não é isso?

R – Dezesesseis anos. Vai fazer dezesesseis anos em junho agora.

P/1 – Como é hoje o dia-a-dia do seu trabalho?

R – O dia-a-dia hoje no trabalho já se torna normal, por exemplo, cobranças, no meu caso. Tem colegas meus que trabalham na portaria, se me botarem para trabalhar na portaria também eu trabalho, lá na \_\_\_\_\_, aqui na portaria social, mas o dia é rotina, já me tornou assim trabalhar no S1 ali, cobranças, é normal.

P/1 – O senhor se recorda de um dia marcante onde o prédio teve um controle maior de entrada de pessoas? Nesses anos que o senhor trabalhou, aqui algum dia especial lhe marcou? Ou de algum festejo ou de alguma manifestação?

R – Ah, não. O controle de entrada é quando tem esse pessoal que vem sempre aqui fazer manifestações, aqui no térreo, aí nós temos que ter um pouco mais de cuidado, porque às vezes eles até invadem aqui para ficar na nossa área, aqui dentro do BNDES, e a maior segurança é mais quando Sua Excelência vem aqui, o senhor Fernando Henrique, não é? Aí nós temos que dobrar mais a nossa segurança. Aliás, desde um dia antes nós já estamos...

P/1 – Ah, é? Como é que são os preparativos quando o Presidente da República vem visitar o BNDES?

R – Ah, é grande, porque antes vem pessoas fazer o reconhecimento de área e nós somos preparados para ficar bem atentos para quando ele chegar, nos nossos postos. Apesar de que ele já vem com a segurança dele, tem muitas seguranças ele, e nós, a segurança aqui, tem que ficar bem atenta para não passar por determinada área. Ele tem uma determinada área que vai ficar e nós temos que ficar impedindo as pessoas, pedindo às pessoas para que não passem naquela determinada área. É um pouco complicado.

P/1 – Vocês andam armados?

R – Não, nós trabalhamos desarmados. Nós temos a segurança que trabalha armada, os terceirizados. Nós, que somos agentes patrimoniais, trabalhamos desarmados.

P/1 – O que representa para o senhor o BNDES?

R – Tudo. Já estou até aposentado, graças a Deus, pelo BNDES. Eu, de Campina Grande, nunca pensei que fosse trabalhar num lugar tão importante como o BNDES. Graças a Deus, através do Doutor Ivandro Cunha Lima, que é uma pessoa que eu admiro muito, eu tenho ele mais do que um pai para mim. Eu conheci ele de nove para dez anos, então foi o meu primeiro emprego, foi a pessoa que mais me ensinou a viver na vida, e trabalhar aqui no BNDES eu jamais pensei, que é o primeiro banco maior do mundo em desenvolvimento. Agora, eu quero registrar uma coisa da história aí, que nós quando entramos para o BNDES, nós trabalhávamos numa firma chamada (SEEBRA?). Era uma firma contratada que administrava esse prédio, era prestadora e, através do meu conhecimento com o diretor, nós reivindicávamos muitas coisas e não conseguíamos passar para o condomínio do BNDES. Algumas pessoas já eram do condomínio do BNDES e nós tentávamos passar para o condomínio e não conseguíamos. Então, teve um dia que teve uma reunião muito grande e tivemos a notícia que não íamos passar para o condomínio, aquilo me deixou muito chateado. Aí eu falei com o meu colega: “Você tem como tirar xerox dessa pauta?”, ele falou: “Tenho”; “Então me empresta que eu vou levar para o diretor isso aí”. Foi quando o Doutor Ivandro disse assim: “Olha, eu vou estudar isso com muito carinho, não vou prometer muito não, mas vou fazer alguma coisa por vocês”. Aí botou todos no condomínio do BNDES, tanto a Brigada de Incêndio, como a Manutenção, a Segurança, botou todos no BNDES.

P/1 – Bom, seu Geraldo, então para finalizar, o que achou de ter participado desta entrevista e ter deixado o seu depoimento para o projeto memória dos 50 anos do BNDES?

R – Eu me senti muito feliz, porque, apesar de eu não gostar muito de dar entrevista, que eu sou muito inibido, mas me senti muito feliz de ter sido escolhido para dar essa entrevista e desejo à senhora e a todos uma boa tarde, muito obrigado, eu fiquei muito contente.

P/1 – Muito obrigada, seu Geraldo.

R – Obrigado. Tá bom?

P/1 – Tá bom, está ótimo.